

NIC PIZZOLATTO

DAQUI ATÉ O MAR AMARELO
E OUTROS CONTOS

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE RAPOSO



SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Pássaros-fantasma

A vigília de Amy

1987, as corridas

Duas margens

Daqui até o Mar Amarelo

O clube dos ladrões, mulheres perdidas e palmeiras ao nascer do sol

Um criptograma

Terra assombrada

Nepal

Fugitivo — Buscando a luz do dia em Luisiana

Tumbas de luz

Sobre o autor

Conheça outro título do autor

Leia também

PÁSSAROS-FANTASMA

Então a cidade ingressa em outro maio apático e escaldante. Pais fazem caretas enquanto puxam seus filhos pelo Museu da Expansão para o Oeste, e barcaças gemem Mississippi abaixo. Algo explodiu na fábrica da Dowling Industrial e os gases estão tingindo os pores do sol com tonalidades de roxo e laranja-plutônio.

Trabalho das onze da noite às seis da manhã. O parque está deserto e fico de vigia em uma janelinha aberta em uma parede de aço, a cento e noventa e dois metros de altura. A leste, trinta e seis hectares de grama e árvores; a oeste, pontes sobre o rio e as luzes da cidade de St. Louis. Faço a patrulha sob um céu roxo (não dá para ver as estrelas este mês), e, após vasculhar a propriedade com meu binóculo oficial do Serviço de Parques dos Estados Unidos, me espremo para fora da janela e salto do topo do Arco de St. Louis.

Uso uma Perigree II — uma mochila fechada a velcro, fabricada pela Consolidated Rigging, que comporta um paraquedas com um velame ACE de 22 metros quadrados — e meu equipamento é preto: capacete, joelheiras e cotoveleiras, um lenço preto sobre o nariz e a boca, mas nos olhos levo o vidro azul dos óculos de visão noturna NVT de quarta geração. O arco é feito com aço de Pittsburgh e chamado de “O Portal para o Oeste”, e, quando estou com uma das pernas pendurada para fora da janela e ventos fortes atingem meu rosto, posso escolher olhar para o bosque escuro lá embaixo ou para a janela do outro lado, onde arde St. Louis. Nesse instante, sinto que é

como estar montado sobre a interseção adormecida dos sonhos de um país. Gichin Funakoshi nos diz que a verdade está nos sonhos.

O vento sopra tão forte e tão alto que parece que você vai se desintegrar. Três segundos de queda livre, mais uns quatro guiando o velame para baixo. Às vezes giro durante a descida, como água entrando pelo ralo.

Na base do arco, o Museu da Expansão para o Oeste tem as dimensões de um campo de futebol americano. Deixo guardados no salão uma mochila e meu uniforme, que visto após cada salto, emergindo segundos depois como Ethan Landry, guarda-florestal. Nessas ocasiões, sempre preciso que a escuridão silenciosa me lembre de que o parque está fechado e de que estou sozinho.

O velho elevador de funcionários range e chacoalha conforme me leva para cima.

Um rádio toca música e ouço intervalos na estática da caixa de chamadas de emergência, feita de metal preto. As horas rastejam rumo à manhã. Como eu não bebo mais, mato o tédio com a leitura. Leio textos como *O livro dos cinco anéis*. *Hagakure: o livro do samurai*. *Tao-Te-Ching*. Gostei dos escritos do Alce Negro e de alguns ensaios de Emerson, mas a mente oriental me parece muito mais tangível. Tangibilidade, penso eu, é o mais importante. Encontrar um caminho e trilhá-lo.

O que, mais do que qualquer outra coisa, explica os meus saltos. A definição literal de BASE jumping é pular de paraquedas de um objeto fixo (edifício, antena, ponte ou terra), mas, para mim, significa apurar os sentidos e se juntar ao vazio. O grande samurai Miyamoto Musashi diz que é necessário anular o eu e se tornar uno com *Mu*, o vazio no coração da existência para o qual tudo retorna. Assim, o guerreiro

encontra a vida na morte. É mais difícil do que parece, e só cheguei perto uma vez. Há três anos, descendo de caiaque o rio Buffalo, no norte do Arkansas, capotei e fui levado pela correnteza. Bati em uma pedra, o caiaque se chocou contra mim, quebrou meu tornozelo, chicoteou, me arrancou um molar e desapareceu correnteza abaixo. Acossado pelas ondas, engolindo água e quase cego de dor, agarrei-me à pedra, sabendo que, se eu fosse arrastado, seria o fim de tudo. Na margem do rio, vi um esquilo olhando para mim. Ele inclinou a cabeça, como se perguntasse o que eu achava que estava fazendo. Então, subiu em uma árvore com movimento em espiral e desapareceu em meio aos galhos. Lembro que nesse instante fui tomado por uma sensação de calma, de placidez, e pensei: *Esta é a minha morte. Interessante.*

Aquele momento foi um vislumbre do verdadeiro universo, uma procissão galáctica que seguia em frente sem mim. O que Dogen chama de “As Dez Mil Coisas”. Meu tornozelo ficou bom, mas depois disso passei a sentir falta de alguma coisa no rafting e, então, descobri o paraquedismo, que por sua vez me levou ao BASE jumping. Comecei a praticar rafting porque um dos princípios básicos que ensinam na reabilitação é que, se você pretende permanecer sóbrio, precisa ser uma pessoa fisicamente ativa.

Mas, se nada disso fizer muito sentido, digamos apenas que, nas horas em que estou de vigia, meu relacionamento principal é com a gravidade, e que, a cada noite sem lua, ficamos íntimos por volta das três da manhã.

E estamos em maio. O céu assume tons de verde e ametista e, como já disse, não dá para ver as estrelas. À noite, o bosque perde a profundidade, torna-se plano e parece se estender em uma única

planície, como os pastos de grama alta da fazenda onde cresci. Os dois refletores na parte inferior do arco não representam problema: eu caio entre eles. Embora não haja lua esta noite, estou um pouco preocupado com esse estranho brilho no céu, uma vez que o BASE jumping é efetivamente ilegal nos Estados Unidos. Muitos jumpers saltam em parques nacionais, e os guardas-florestais são, tradicionalmente, suas nêmesis. A ironia de minha vida é tão óbvia que nem penso nisso como uma ironia.

Antes de saltar, vasculho o parque com o binóculo: grama cortada, vislumbres de pinheiros e choupos de folhas largas, passarelas de concreto convergindo a leste, no Antigo Tribunal. Um brilho. Atrás de uma árvore, identifico um lampejo. Aproximo o zoom e vejo ao menos duas pessoas agachadas nas sombras. Estou prestes a acionar o alarme pelo rádio, mas, então, vejo a origem do brilho: lentes de vidro. Um deles está olhando para o arco com um binóculo. As três horas trouxeram uma novidade esta madrugada. Dispo o equipamento de salto e me transformo em guarda-florestal.

O elevador me leva para baixo e eu me esgueiro por entre as árvores, me agachando por trás de arbustos altos. Encontro três pessoas: dois garotos e uma garota, todos muito jovens, e me lembro de que devo pegar leve com eles. Aos vinte e oito anos, ainda recordo a emoção de invadir propriedades à noite. Eu tinha uma namorada que adorava explorar lugares proibidos. Com nossos nervos à flor da pele, Mabel me guiava por espaços escuros repletos de tubos de vapor e placas sinalizando entrada proibida; escadas que levavam a telhados e que findavam em um beijo. Desligo a lanterna e me aproximo, porque ouço vozes e quero saber o que estão dizendo.

Um rapaz de óculos, robusto e bochechudo, está conversando com

um garoto mais magro, de boné de beisebol e casaco impermeável.

A garota observa o arco com o binóculo. Então, ela o afasta dos olhos e interrompe os dois:

— Acho que vi um guarda lá em cima.

Um gemido humano corta o ar. Olho em volta e vejo contornos de sombras por toda parte. Além desse arvoredo, há várias pessoas no parque, ao menos uma dúzia delas. Vejo um jovem casal deitado de costas, a menina apontando para o céu. Outro casal dando uns amassos contra um pinheiro explica o gemido que ouvi há pouco. Vejo que esbarrei em um sonho de juventude e luxúria. Por vários motivos, fico irritado com o fato de esses jovens se intrometerem em meu momento sagrado e necessário.

Ligo a lanterna e recorro a minha voz mais grave:

— O que está acontecendo aqui? O parque está fechado.

Todos se sobressaltam e encurralo os três sob meu feixe de luz. Folhas farfalham e ouço passos pesados correndo pelo bosque.

O rapaz com o casaco impermeável ergue as mãos, então as baixa lentamente e dá um passo à frente.

— Hum, oi. Sabemos que o parque está fechado. Pedimos desculpas. Estamos fazendo um trabalho. Somos todos alunos da Universidade de Washington.

A garota me observa por sobre o ombro do rapaz.

Ainda estou com raiva e, quando o garoto ingressa em meu círculo de poder, imagino vários ângulos de *kokyu nage* que poderia usar para arremessar seu corpo sobre os arbustos.

— Vocês estão invadindo.

— Cursamos uma matéria chamada “Mitos e Lendas Americanas Modernas”, e estamos fazendo nosso trabalho final... sabe...

Agora quem fala é a garota:

— Há essa lenda urbana que diz que, em noites sem lua, algo sai voando do arco. — Não consigo ver a cor de seus olhos, mas percebo que são claros. — Frank acha que é um sujeito de paraquedas, mas, pelas descrições, parece ser um pássaro-fantasma.

— O quê?

— Pássaros-fantasma. Espíritos do trovão nativo-americanos. Gigantescos, negros e de olhos brilhantes. As pessoas os veem há séculos.

— Nada sai voando do arco.

Frank (creio eu) objeta:

— Conheço três pessoas que, mesmo sem se conhecerem entre si, me disseram terem visto uma coisa sair voando do arco. Os três a descreveram como algo inteiramente negro, com olhos vermelhos e incandescentes. Outra conexão? Não havia lua em nenhuma dessas noites. Pesquisei a respeito. E cento e noventa e dois metros é um salto de BASE jumping absolutamente plausível. Não tem como você vigiar tudo o tempo todo.

— Escutem, meus jovens, *vocês estão invadindo*. Isso é ilegal. Isto aqui é propriedade do governo.

— Pedimos desculpas. Sério. Foi só... você sabe.

— Queríamos ver se era verdade.

— Não é — digo. — Vocês precisam sair do parque.

Eles se afastam, murmurando desculpas. A garota se volta e olha para mim. Um rosto de feições suaves: olhos, lábios. Então, os estudantes desaparecem.

Marcho de volta ao escritório me lembrando de minhas próprias experiências na universidade. Fui a primeira pessoa da minha família a

fazer faculdade, e lembro que os alunos de lá eram como esses jovens de hoje: bronzeados, sorridentes, andando de mãos dadas pelos pátios de pedra, e todos tinham cortes de cabelo e roupas diferentes das minhas. Descobri que eu não sabia falar, me vestir, nem mesmo sorrir.

Lembro que me senti uma fraude naquele primeiro ano, imaginando conspirações acontecendo ao meu redor, mas eu tinha um colega de quarto que comprava muita maconha e que me ensinou maneiras de relaxar e esquecer o resto do mundo. Sinto um ligeiro arrepio na coluna quando recordo esses dias, antes de eu descobrir a necessidade de ter controle de minha vida e encontrar meu caminho.

Enquanto o elevador me leva para cima, o olho de minha mente continua reprisando o olhar de despedida da garota. Miyamoto diz que o verdadeiro *bushi* se separa do desejo, mas, em meio às sombras desta noite, os olhos dela arrancaram algo de meus pulmões que desceu até um lugar atrás de meu abdome, onde o *chi* é armazenado, e sou levado a pensar em Mabel, de modo que passo o resto do turno praticando meditação orientada. Em posição de lótus, fecho os olhos e me concentro no Triângulo Azul onde armazeno o eu sem ego, tentando não pensar no sorriso de Mabel ou na covinha na base de sua coluna, no gosto de seu suor ou na água roxa da banheira que a cobriu em nossa última noite juntos. Um ruído de interferência sibila para fora do comunicador de emergência, e bloqueio esse som.

A manhã é inundada pela luz branca do sol, e ouço St. Louis despertar enquanto desço de elevador. As aves e as barcaças acordam, todas as coisas chamando por todo o resto. Há uma garota ao pé do arco

usando uma blusa branca sem mangas. O vento sopra seu cabelo castanho contra o rosto, e, mesmo antes que ela possa afastá-lo, já sei quem é.

— O parque só abrirá às nove — informo.

Ela olha para mim com olhos verde-claros e seu cabelo castanho tem mechas com tons alaranjados.

— Posso ajudá-la, senhora?

— É você, não é? — diz ela.

— Perdão?

O vento continua brincando com seu cabelo.

— Você é o pássaro-fantasma, certo? Sabia que há um site sobre você?

A manhã fica cada vez mais barulhenta e ofuscante.

— O quê?

Se eu continuar mentindo, quais serão minhas chances? Ela é muito menor do que eu, e considero aplicar-lhe uma compressão de nervo *yonkyo* para deixá-la inconsciente. Mas o problema persistiria quando despertasse.

— O que você quer?

— Vou dizer em um segundo.

Ela olha ao redor do parque e, então, para o arco.

— Podemos conversar em outro lugar?

Uma lanchonete que cheira a manteiga e a cobertura de bolo. Ela usa muita prata e pulseiras de corda em um dos braços; sardas escuras mancham seu nariz e as maçãs do rosto. Seu nome é Erica Gleason, e ela está me contando a história dos pássaros-fantasma para explicar algo que ainda não revelou o que é.

— Em nossa aula, um dos mitos que estudamos é como, em todas

as culturas ao longo da história, as coisas inexplicáveis que as pessoas veem geralmente são pretas e em forma de ave, pássaros enormes com olhos que brilham no escuro. Possuem nomes diferentes, mas muitas teorias insistem que os nomes são irrelevantes.

— Erica...

— Quero dizer, anjos, demônios, monstros, o que seja.

— Erica. — Eu me inclino sobre a mesa. — O que você quer?

Ela perde um pouco do ímpeto e me sinto instantaneamente culpado por tê-la interrompido. Erica toma um gole de café e olha pela janela. Pessoas passam apressadas sob os semáforos. Buzinas soam, freios guincham. Normalmente estou na cama a essa hora, me preparando para dormir o dia inteiro.

Ela se vira para mim.

— Eu só estou dizendo que fiquei desapontada quando descobri que era apenas você.

— A propósito, como descobriu?

Ela inclina a cabeça e mexe o café.

— Pela forma como agiu... Vi um sujeito todo vestido de preto olhando para mim com um binóculo de uma janela no arco. — Ela me lança um olhar reconfortante. — Eu não contei para ninguém.

— Certo. Então, o que você quer?

— Muito bem, o negócio é o seguinte. — Ela baixa a colher. — Eu quero que você me ensine.

— Ensinar o quê?

— BASE jumping.

Tento explicar que não é assim que a coisa funciona.

— Você não pode simplesmente sair e começar a praticar BASE jumping. Demora anos para acumular o conhecimento necessário para

fazer o primeiro salto. É um processo de aprendizado contínuo. Ainda escapo por pouco, às vezes.

— Já saltei de paraquedas.

— Quantas vezes?

— Duas.

— Meu Deus. — Estou errado ao descrever seu cabelo como castanho. É mais como trigo queimado, com reflexos vermelhos e acobreados. Prossigo: — Este esporte não é sobre provar alguma coisa para alguém. É muito pessoal. Pessoas morrem. Muita gente experiente acaba gravemente ferida ou morta. Por que você quer fazer isso?

— Por que *você* faz isso? — pergunta ela, e a imagem de Mabel flutuando sem vida sob bolhas de sabonete de lavanda surge em flashes na minha mente.

— Em primeiro lugar, você precisa dominar o paraquedismo. E, mesmo que domine, há outras pessoas que podem lhe ensinar BASE jumping.

— Olha só, eu não contei para ninguém, ok? Eu não denunciei você nem nada. Por que está conversando comigo sobre isso, então? O que você está esperando?

Ela sabe que, só de estar debatendo aquilo, quer dizer que eu já aceitei. Pulseiras tilintam em seu punho; seus lábios são finos e claros; suas clavículas se espalham como a sombra de um albatroz sobre seu peito e eu penso: *Triângulo Azul, Triângulo Azul.*

Em meu apartamento, a secretária eletrônica pisca, indicando a existência de diversas mensagens — o que me deixa incomodado,

porque não sei quem poderia ter ligado. Após dez meses em St. Louis, meus conhecidos se restringem a um senhorio, um carteiro e dois guardas-florestais que pensam que sou louco por trabalhar nesse meu turno. Em seu livro *Hagakure*, Tsunetomo diz que há um profundo poder no homem solitário.

Ouço a voz de meu pai na máquina: “Ethan, é o seu pai. Eu não consigo encontrar sua mãe, filho, e tenho tentado falar com você. Você precisa recolher os cavalos.”

A mensagem seguinte é de uma hora mais tarde, sua voz lenta e gutural articulando as palavras: “Ethan, é o seu pai. Eu não consigo encontrar sua mãe, filho, e tenho tentado falar com você. Você precisa recolher os cavalos. Parece que vai chover.” Três outras mensagens dizem mais ou menos a mesma coisa, além de sugerir que eu colha algumas batatas e cenouras para minha mãe preparar uma sopa de legumes. Nossa fazenda foi vendida há algum tempo, depois que minha mãe morreu.

Ligo para o Green Grove e falo com a enfermeira-chefe a respeito das mensagens. Ela me põe em espera, então volta e explica que uma enfermeira temporária estava trabalhando no andar de meu pai ontem, por isso ele pôde fazer tantos telefonemas. Ela pede desculpas pelo inconveniente. Em meu quarto, deito sobre uma esteira de bambu no centro do cômodo e ponho uma máscara de dormir sobre os olhos para bloquear a luz do sol que atravessa as cortinas. Tento imaginar uma praia em que as batidas de meu coração estejam coordenadas com o romper das ondas, mas em vez disso vejo meu pai em uma manhã em particular, durante meu primeiro verão em casa depois do início da faculdade: ao amanhecer, eu e minha mãe o encontramos de pé em um matagal, protegido apenas por um cobertor, olhando para o sol. A

luz o envolvera naquela manhã. No início, pensamos que ele estava brincando, mas nos anos seguintes eu me perguntei o que, exatamente, ele estaria vendo.

O oceano em minha mente se torna o canto de toutinegras e carriças ao amanhecer na fazenda de meu pai, e, então, Erica começa a falar sobre espíritos eternos disfarçados de aves enquanto desabotoo sua blusa branca. Incapaz de dormir, o que realmente quero fazer é saltar de algum lugar.

Começamos um programa de treinamento AFF, um curso de queda livre avançado. É um programa de sete passos, projetado para ensinar conceitos básicos de paraquedismo; depois disso, ela fará vinte saltos, até se tornar uma mestra paraquedista iniciante. Ela tem dinheiro para isso. Seu pai é advogado da Dowling Industrial. Começamos em um pequeno Cessna monomotor cujo interior fede a alumínio e gasolina. Nossos bancos estremecem e afundam; o motor tosse. Além da porta, um brilho ofuscante. Enquanto estamos esperando a autorização para o salto, Erica olha sua linha estática e diz:

- Aqui vamos nós. Gerônimo.
- Não diga isso. É o que todo mundo diz.
- O que você diz?
- Banzai — admito, relutante.

Ela balança a cabeça e mantém o olhar firme, bancando a durona, sem manifestar estupefação, animação ou medo.

Um salto a 3.800 metros nem sequer se parece com uma queda. É mais como estar no centro de uma explosão fria. Você pode ver a

curvatura do planeta, a superfície esférica que o puxa para baixo. Vejo o corpo de Erica rodar, macacão vermelho-claro, membros perfeitamente arqueados para trás. Ela encolhe, atravessa algumas nuvens brancas e eu a perco de vista. Fecho os braços junto ao corpo e mergulho. A uns 250 quilômetros por hora, vejo seu velame, um quadrado vermelho e pregueado bem abaixo de mim. Minhas bochechas ondeiam com o vento.

No chão, ela não consegue parar de sorrir, olhando para cima em direção ao espaço que acabamos de atravessar. Ela aplaude, ri e sugere que tomemos alguns drinques. Explico que sua reação se deve apenas ao pico de adrenalina e que não bebo.

O ar de maio é espesso e pesado, preso sob esse vapor roxo que temos aturado. À noite, eu me preocupo. Vasculhando o terreno do parque, imagino quem estaria lá fora, esperando por mim. Erica me falou sobre um site: “Homem-Pássaro de St. Louis”. Na página, há a figura de um pássaro negro com presas e olhos de fósforo flamejantes, além de um fórum e uma seção com depoimentos de pessoas que me viram. É possível encomendar uma camiseta.

Não há como comparar o paraquedismo ao BASE jumping. Ao saltar de um avião, você não consegue ver muito bem o solo, pois está muito alto. *Mu*, o vazio, não é tão imediato; você não pode sequer vislumbrá-lo, e o abraço da gravidade é mais como um puxão lânguido do que uma pancada violenta. Pressiono as mãos contra o vidro, pondero a queda, e a vida onírica de uma cidade adormecida parece terrivelmente distante enquanto meu reflexo me olha de volta da janela e feixes de luz paralelos brilham na base do arco, como uma escada zen.

Cinco saltos mais tarde, Erica me conta que sua mãe é artista plástica, dá aulas em casa e perdeu o seio esquerdo há três anos por causa de um câncer. Estamos tomando sorvete e passeando pelo shopping porque ela quer comprar sapatos novos.

— Sabe, eu realmente esperava que você fosse um animal desconhecido, como um pássaro-fantasma — diz.

— Eu sei. Você acredita nesse negócio?

Ela dá de ombros e lambe o sorvete, balançando a sacola da Foot Locker.

— Acho que sim. Provavelmente. Sempre haverá coisas que desconhecemos. Na década de 1920, no Texas, várias pessoas viram um pássaro preto do tamanho de uma cidade empoleirado na lua. Eu adoro essa história.

Ela limpa o caramelo do lábio com um dedo que lambe enquanto sorri para mim, e meu *chi* se choca contra meu diafragma como se eu tivesse engolido uma pequena bomba.

Ela entra de férias, então começamos a saltar com mais frequência. Três vezes por semana. Está escurecendo quando deixamos o aeródromo. Ela diz que seu pai tem trabalhado dobrado ultimamente. A Agência de Proteção Ambiental está infernizando a Dowling Industrial.

— O que é esse negócio, afinal de contas? — pergunto, apontando para o céu cor de lavanda.

Ela pega minha mão e paramos de andar.

— Não sei.

A princípio, me sinto envergonhado, porque não tenho nenhum móvel em meu apartamento e minha cama é uma esteira de bambu com um cobertor fino por cima. À fraca luz de uma janela, a penugem em seu torso e sua barriga é de um louro reluzente. O suor se acumula em uma poça salgada em seu umbigo. Sua pele é mais escura e ela pesa menos que Mabel.

Certa ansiedade se dissipa à medida que progredimos. A sensação do toque é boa. Como eu me lembrava, embora diferente.

— Me conte sobre sua primeira vez — diz ela, o rosto corado e reluzente, as pontas de seus cabelos grudando em meu peito.

Então falo sobre meu salto da Bethel Bridge, no Cypress Park. Não menciono minha curiosidade perversa naquela manhã fria, a ideia clara que tive enquanto balançava o pé para fora da ponte: a de agarrar a mochila do paraquedas durante toda a queda e nunca liberar o velame.

— Falando sério — diz ela. — Por que você começou a fazer isso?

Dou de ombros e finjo sonolência. Não menciono aquela vez há quatro anos quando comprei meio grama de heroína, nem a noite em que Mabel usou a droga, desmaiou e mergulhou na água do banho que compartilharíamos quando eu voltasse para casa.

Quero explicar que não estou apenas atrás de emoções, que o arco é a ligação entre a civilização e a vida selvagem, que lá eu habito um espaço entre espaços, onde cidade e floresta estão separadas por uma perfeita geometria de aço sólido. Mas não falamos mais, e, quando fecho os olhos, fissuras escarlates em brasa irrompem e quebram a perfeita simetria de meu Triângulo Azul.

Na manhã seguinte, ligo para meu pai, no Green Grove. Ele faz as

mesmas perguntas quatro vezes.

Erica quer que eu conheça sua mãe e “veja uma coisa”. Posso adivinhar o que é.

O cabelo de Carol é da mesma cor que o da filha, embora o corte seja bem mais curto. Ela me pergunta como é trabalhar para o Serviço de Parques e olha para mim com gentileza enquanto explico que sou um amante da natureza. Erica fica em silêncio. Quando se olham, as duas não mantêm contato visual por muito tempo, e percebo algumas semelhanças em seus rostos. Carol me pergunta sobre meus hobbies enquanto exhibe uma expressão distante nos olhos. Sua voz parece trêmula; distraída, ela mexe em um brinco, como se estivesse preocupada com alguma coisa, mas não quisesse incomodar ninguém. Lembro que ela perdeu um seio quando adoeceu.

No quintal há um jardim bem-cuidado, atravessado por um regato pequeno e borbulhante. Inspiro profundamente e confesso:

— Não quero que você faça isso.

A boca de Erica se abre, mas, antes que ela possa responder, digo:

— É muito perigoso.

Tento segurar sua a mão.

Ela cruza os braços e dá um passo para trás.

— Eu sou boa. Do que você está falando? — Na janela da cozinha, vejo a parte de trás da cabeça de sua mãe. — Que história é essa?

— É muito cedo. É muito cedo e é muito perigoso. Eu não quero que algo aconteça com você.

O que não menciono é que não posso lidar com a ideia de matar

outra garota.

O regato gorgoleja entre nós.

— Não — diz ela. — Eu vou continuar. Pode esquecer. Eu vou continuar.

Então, ela cancela nosso último salto de 10 mil pés, e sei que não entraremos mais em aviões. Ela me leva até o quarto, onde seu equipamento está esparramado pelo chão.

— Era isso que você queria me mostrar?

É um velame ACE 240 e uma mochila Perigree II. Preta.

— Igual à sua — diz ela, movendo-se em minha direção. — Sei como fazer isso. E vou fazer. Mas estou pedindo que me ajude.

— Por favor, Erica, qual é.

Ela permite que eu segure sua mão.

— Vou saltar de qualquer jeito, ok? Com ou sem sua ajuda para montar isso aqui. Mas eu confio em você. — Ela pousa a cabeça em meu peito. — Vou fazer isso, mas confio em você, está bem?

Assinto.

Rodo a Perigree II no chão, os tirantes para baixo, e arrumo as linhas solenemente. É um negócio desanimador. Divido os grupos de linhas e empurro o *slider* para cima, em direção ao velame, garantindo que a borda de ataque esteja apoiada em meus joelhos, e a borda de fuga, voltada na direção oposta à minha. Erica senta na cama, olhando por cima de meu ombro. O quarto tem o cheiro dela, uma menina jovem e viva: uma combinação de flores e pó de arroz, hidratante e frutas.

Ajeito o tecido entre os grupos de linhas, de dentro para fora. Faço o mesmo com todas as células do velame. É como dobrar um acordeão. A ideia é manter todos os pontos de fixação das linhas

voltados para o centro do embrulho, com o tecido dobrado para o exterior. A cama range atrás de mim, e as unhas dela acariciam a parte de trás de minha cabeça. Redefino as dobras anteriores com cuidado, então ergo o centro da borda de fuga e a firmo com o polegar. Em seguida, alinho a cauda e dobro-a ao redor de si mesma. Acondiciono as linhas no bolso da cauda e ponho o velame dentro da mochila. Então eu respiro.

Ela beija o topo de minha cabeça.

— Obrigada.

Dormimos separados essa noite, e passo duas horas em posição de lótus, com as costas retas, mentalmente definindo meu círculo de poder, tentando reconstruir meu Triângulo Azul.

Início da alvorada. Falso amanhecer após a lua baixar no horizonte. Finalmente os gases em suspensão começaram a assentar, de modo que, embora o céu exiba um índigo razoavelmente normal, sob a Betel Bridge paira uma névoa espessa e opalescente, com pontos brilhando em roxo e cor-de-rosa. Ela veste calças pretas largas e uma camiseta sem mangas, a Perigree pendurada às costas, joelheiras e cabelo escondido sob o capacete. Também estou com meu equipamento.

Olhamos para a névoa que brilha e ondula sob a ponte. Pinheiros e arbustos imóveis.

— Não dá para ver o chão — digo.

Ela está olhando para baixo.

— E daí? Contarei até três, certo? Vou ver o chão quando chegar lá.

— Eu não faria isso.

Minhas mãos começam a se contorcer quando ela sobe no parapeito.

— Erica...

— Você não precisa fazer isso. Mas eu vou. Vejo você lá embaixo.

Ela está com a respiração curta e superficial, e não consegue parar de olhar para o abismo. Seus olhos estão em pânico, e me fazem lembrar dos de sua mãe. Então, quando percebo a semelhança, entendo o que há entre nós, o que a deve ter trazido até mim e por que estamos aqui.

— Erica, espere. Se você pensa que isso vai fazer com que não sinta mais medo, está enganada. O medo não acaba. Nunca.

Ela parece confusa e balança a cabeça.

— O quê? Eu não... eu nunca disse isso. — Seus olhos permanecem fixos no nevoeiro. — Eu nunca disse isso.

Os ruídos de fundo aumentam: pássaros cantando, coisas raspando nas árvores e farfalhando na grama. A ponte começa a estremecer por causa de automóveis distantes.

No topo do parapeito, Erica agarra o pilotinho com os nós dos dedos brancos. Ela olha para mim e finge um sorriso.

— Certo. Vejo você lá embaixo.

Ela inspira profundamente e pula, deixando um espaço vazio no lugar onde atravessou o nevoeiro.

Corro até o parapeito e olho para baixo. Não, escute, o que quero dizer é que aquilo que pensamos ser um gesto de liberdade é, na verdade, um sintoma de nosso encarceramento. Mas ela já se foi. Não consigo ver além da neblina, e o buraco que ela abriu já está se fechando, então subo no parapeito.

O que mais posso fazer além de segui-la?

Antes dos seres humanos, havia aqui um rio profundo, que transportava toneladas de vida entre oceanos. Agora a névoa sob a ponte esconde apenas um desfiladeiro de seixos frios e secos. Um jardim sob o gás roxo. Sinto rochas se chocarem contra meus pés quando aterrisso.

Ela está de joelhos, o velame ondulando a seu redor. Meu paraquedas se estende atrás de mim como uma bandeira negra. Nós nos sentimos minúsculos entre as heras e as samambaias gigantes que crescem nas paredes irregulares do abismo. Eu a ajudo a se levantar e começo a desatar seus tirantes. Erica está tremendo. Ela se posiciona atrás de mim para desatar os meus. Uma lágrima escorre por trás de seus óculos de proteção. Ela diz que pensou que ia morrer. As alças se desprendem e me sinto livre do peso morto do paraquedas.

Prometemos nunca mais fazer isso.

Compro um colchão de gel que promete se moldar aos contornos de minha coluna. Compro lençóis de algodão. Erica me traz mais travesseiros do que uma pessoa necessitaria durante toda a vida. Mudo minha agenda de modo a trabalhar apenas três turnos noturnos.

Erica quer que eu lhe ensine artes marciais, e passo a usar minha sala vazia para lhe mostrar o que sei de aikido. Todos os movimentos de *kokyu nage* sempre acabam em luta corporal e com os dois imundos no tapete.

No trabalho, ainda desfruto da paisagem, mas, quando contemplo *Mu* e o objetivo do *bushi* de se unir ao vazio, meus pés ficam pesados.

Sinto uma ligeira vertigem quando olho para baixo da janela de meu escritório. Começo a me perguntar se minha relação com a gravidade ainda existe, uma vez que “gravidade”, afinal de contas, é apenas um nome atribuído a determinado fenômeno. Em vez disso, pondero que o isolamento é a física que rege este universo: massa atrai massa porque a singularidade não é natural, seja ela senciente ou não, e a unidade básica da vida não é o um, mas o dois. Planetas e luas se formam, e as pessoas se apegam a eles porque algo no cosmo deseja ter companhia. Sob o arco, um leve tom lilás no ar é tudo o que resta da densa nuvem que deformou nosso céu nos últimos dois meses. A Dowling Industrial acabou resolvendo seu problema com a Agência de Proteção Ambiental pagando cinco milhões de dólares e instalando um novo sistema de ventilação capaz de sugar os olhos da cabeça de uma pessoa.

Perto do fim de julho, o pai de Erica abandona a mãe dela.

O saguão do Green Grove é enganosamente antisséptico. O papel de parede e o carpete cor-de-rosa são legais, mas as plantas são de plástico e música de elevador toca ao fundo. A Sra. Teschmaucher, a enfermeira-chefe, se aproxima com simpatia. As enfermeiras do Green Grove usam uniformes azul-claro com aventais azul-marinho e têm cheiro de enfermeiras: álcool e sabão em barra.

Ela segura meu braço enquanto passamos por idosos sorridentes que olham para cima como se houvesse a possibilidade de eu ser alguém que um dia amaram.

— Eu só quero que você esteja preparado — diz ela, dando um tapinha em meu cotovelo.

O quarto de meu pai é um espaço de onze metros quadrados, com paredes de cor bege e carpete salmão. Duas cadeiras altas formam um V à esquerda da televisão, instalada sobre uma cômoda de madeira padrão. Em uma das paredes há uma estante com fotos minhas, de minha mãe, de meus avós, uma Bíblia e algumas flores. A cama é arrumada no estilo militar, os lençóis tão esticados quanto a lona de um trampolim. Meu pai sempre arrumou a própria cama, e me pergunto se certas coisas nunca mudam, movimentos tão precisos que jamais podem ser esquecidos.

Ele está sentado em uma cadeira de balanço, vestindo roupão e pijama, olhando pela janela do outro extremo do quarto.

— Jacob? — chama a Sra. Teschmaucher, me guiando em sua direção. — Ethan está aqui. Seu filho, Ethan.

Ele tira o olhar da janela e se vira para mim. O rosto de meu pai é uma extensão perdida de pele enrugada e manchas hepáticas; ele ainda tem um queixo marcante e o cabelo branco cortado à escovinha, rareando no topo. Seus olhos azuis vasculham o espaço onde estamos. Ele sorri lentamente e meneia a cabeça. Sua mão, com a pele seca e esticada, se estende e segura a minha.

— É bom ver você. É realmente muito bom ver você — diz ele, em um tom de voz emocionado que ninguém usaria a menos que estivesse fingindo.

— Oi, pai.

Ele volta a olhar pela janela e observa a área bucólica com jeito de parque no centro do complexo do Green Grove. A Sra. Teschmaucher e eu trocamos olhares, e, então, meu pai se vira para mim.

— Estou preocupado com a grama lá fora. Parece seca nesta estação.

Eu me agacho ao lado dele e olho pela janela.

— Não está tão ruim assim.

Ele tem o mesmo cheiro de sempre: vestígios almiscarados da colônia Brut que usa desde que me entendo por gente. Pouso um dos braços sobre seus ombros.

— Você conhece Susie Frenesi? — pergunta ele.

— Não — respondo.

Ele se vira para a janela e, então, olha para mim outra vez. Seus olhos brilham com súbita alegria.

— Bill? Onde você esteve?

Eu tinha um tio chamado Bill, irmão mais novo de meu pai.

— Por aí. Sabe como é.

— Estou preocupado com a grama lá fora.

No caminho para o saguão, a Sra. Teschmaucher diz que a deterioração prosseguirá e que eu não devo ficar magoado por sua incapacidade de se lembrar de mim. Eu não estou magoado. É ele quem está sendo gradualmente despojado de tudo, sua identidade se esvaindo, os anos caindo como pele morta, preparando-se para uma nova primavera. Ao me afastar do prédio, vislumbro meu pai à janela de seu quarto, inspecionando a grama, e tenho uma súbita visão de *Mu* reivindicando-o, seu vazio brilhante puxando-o com hábil e sinistro domínio, sugando para sua luz tudo que um dia meu pai foi.

É um momento em que as coisas são tomadas.

Um momento em que encontro um folheto sobre o Dia da Ponte entre os livros de Erica. O Dia da Ponte é um encontro anual de adeptos de BASE jumping em Fayetteville, West Virginia. Durante um dia, em outubro, é permitido pular da New River Gorge Bridge.

Erica entra no quarto vestindo uma regata e calça jeans preta, o

cabelo preso e as bochechas ligeiramente menos marcadas. Ela está mais magra.

Ergo e balanço o folheto.

— Você não vai fazer isso, vai?

Ela dá de ombros e começa a pegar roupas espalhadas pelo quarto e guardá-las nas gavetas.

— Ei. Você não vai fazer isso, não é?

Ela olha para mim, tomba sobre a cama e joga um dos braços sobre os olhos.

— Eu não sei. Estive pensando sobre o assunto.

— Achei que tivéssemos parado. Pensei que tivéssemos conversado a respeito.

Ela mantém o braço sobre os olhos.

— Você não precisa fazer nada que não queira — diz ela.

Sem mudar de posição, ela usa uma das mãos para pegar o controle remoto e ligar o aparelho de som. Pixies começa a tocar alto demais para mantermos uma conversa.

À noite, viro para um lado e para o outro sobre o colchão novo e obscenamente confortável. Meus pensamentos se concentram no corpo de uma menina caindo no espaço, com um paraquedas que se abre uma fração de segundo tarde demais para retardar sua queda. Ela se espatifa contra rochedos e pedregulhos, e o velame pouso delicadamente sobre seu corpo. Pessoas se aglomeram a seu redor e, quando a mortalha é puxada, o rosto que vejo é o de Mabel. Meu estômago dói, uma cólica que não sinto desde que parei de usar heroína, há quatro anos.

Durmo no chão.

É um momento de transição, quando os olhos do verão se fecham e se abrem no outono. O *I Ching* diz que meu yin dominante é Terra sobre Fogo, o que significa “Prejuízo para o Iluminado”. Confúcio aconselha: “Será propício ser determinado e suportar o infortúnio.”

A pedido de Erica, preparo o paraquedas para o Dia da Ponte. Então, explico que não podemos mais nos ver.

Ela fica furiosa.

— O quê? Você está falando sério? Só porque não vou fazer o que você quer?

Isso é dito para me provocar, mas em minha mente sou um perfeito Triângulo Azul e meu coração é um lento e constante arrebentar de ondas contra uma enseada.

— Porque eu não quero estar lá quando você morrer.

— O quê? Quando eu... — ela ergue os braços. — Ninguém *nunca* morreu no Dia da Ponte.

— Isso não é verdade. Em 1983 e 1987.

Erica leva as mãos aos quadris e me olha com falso desgosto.

— Dane-se. Eu não sou uma BASE jumper maluca. E olha só quem está falando. Qual é o seu problema?

Meu Triângulo Azul se mantém. Sou três linhas de ordem perfeita, pulsando com um belo brilho azul-safira.

— Não vou conseguir lidar com a perda de outra pessoa — revelo, e o que estou pensando é que *estou farto de todos desaparecerem*.

— Tudo bem, mas deixa eu ver se entendi direito. — Erica senta-se na cama e simula o formato de uma caixinha com as mãos. — Para evitar me perder, você está terminando comigo?

Eu não espero que ela entenda minha lógica. Ela me chama de covarde. Diz que sou eu quem está com medo. Dou as costas para sair e ela diz que sou como um viciado: já que não consigo lidar com a vida, eu me isolo com hábitos e ideias. Não olho para trás porque não há mais nada a ser dito.

O que dizer para alguém que você ama e que não admite o próprio medo?

Começo a passar de carro pelo Green Grove durante o dia, e vejo meu pai sentado à janela do quarto, observando os galhos das árvores farfalharem por causa dos esquilos. Não é sempre que penso nela.

Certo dia, meu pai não está em sua janela. Eu olho, faço o retorno e volto a passar em frente ao prédio. Em vez de meu pai, vejo apenas uma vidraça refletindo o sol. Sei que ele deve estar em outro lugar do asilo, mas mesmo assim paro para olhar, e, naquele quadrado plano e radiante de janela, talvez pela primeira vez, penso em meu pai com verdadeira clareza.

Volto ao antigo horário de trabalho.

Às três da manhã estou à janela, atando meus tirantes. Pelo vidro, o bosque está tranquilo e misterioso, estendendo-se sem limites na escuridão, enquanto do outro lado do arco brilha uma cidade, com vibração e movimento implícitos. Ergo o lenço sobre o nariz e baixo o vidro azul dos óculos de visão noturna; o mundo se torna uma impressão enevoada de espectros verde-esmeralda. Agora, não digo mais para mim mesmo que estou montado sobre os sonhos de minha cultura, mas que faço parte desses sonhos.

Sou como o pássaro negro gigante empoleirado na lua, uma ideia que existe entre o boato e a imaginação, a forma de algo que você deseja ver quando tem a chance de olhar para cima tarde da noite.

Agora, sou como um mito, um OVNI, um pássaro-trovão, e este papel tem suas próprias concessões, suas promessas de ritual e disciplina, enquanto lá embaixo, em algum lugar na floresta ou nos apartamentos defronte ao rio, com seus telescópios apontados para fora das janelas, as pessoas esperam para ver, prontas para me moldar de acordo com seja lá o que decidirem acreditar que sou. Abro a janela e deixo minha perna escorregar para fora. O vento me acaricia. Agarro o pilotinho.

Agora, sou um fantasma.

Banzai.

A VIGÍLIA DE AMY

I.

Duas horas antes de saber que o irmão estava morto, Amy tentou irritar North Godcheaux falando sobre a irmã. Amy trabalhava em uma farmácia à tarde, e North a buscava ao fim do expediente. Para evitar ser notado enquanto a esperava, ele estacionava a caminhonete a alguns quarteirões de distância. Ela dizia para a mãe que um amigo da escola lhe dava carona. Na caminhonete, o rapaz se manteve calado, quase sem olhar para Amy, e isso a irritou.

— Na noite passada, encontrei uma foto de você e Kara no baile de formatura — disse ela.

Ele parou de mastigar o palito de dentes.

— O que quer dizer?

— Nada. Eu estava no sótão, mexendo em uma caixa de fotografias, e encontrei.

— Por que está me dizendo isso?

— Por nada.

A caminhonete parou no sinal vermelho e ele ergueu as palmas para cima, de um modo que a fez se lembrar do padre DeBlanc no funeral de Nana.

— Por que você está me falando sobre ela?

Amy deu de ombros e, tendo irritado North, virou para a janela. Ele parecia outra pessoa na foto do baile de formatura. Seu rosto estava

arredondado, o queixo liso, os cabelos cortados à escovinha. Agora, suas maçãs do rosto eram arestas proeminentes, cachos pretos saindo por debaixo do boné de pescador, e, àquela altura do dia, sua barba estava muito mais densa do que a de qualquer rapaz da Laughton High. Na foto, as mãos dele repousavam suavemente sobre os quadris da irmã de Amy. Kara, ela pensou, provavelmente parecia a mesma. Elas não se viam havia sete anos. Kara acabou indo para a faculdade, casou-se com um sujeito que trabalhava com computadores, e agora sua família tinha três casas em dois países. Às vezes, Amy ficava imaginando como eram as tais casas, provavelmente extravagantes, fúteis e tão bonitas que intimidavam os visitantes com seu mármore escorregadio e iluminação dramática.

North diminuiu a velocidade ao se aproximar de uma colina baixa. Passaram por um campo onde uma van abandonada repousava havia anos, apoiada sobre blocos de concreto em vez de pneus. Além da névoa cáqui do mato seco, duas garças brancas se empoleiravam sobre o velho automóvel.

— Eu só quero que a gente se divirta — disse North. — Não quero falar sobre ela.

Ele pousou a mão sobre seu braço.

Amy sabia que seu comportamento naquele dia — seco, distante — estava deixando North confuso, mas não sentiu pena do rapaz. Na véspera, ela descobrira que estava grávida, e tal conhecimento, não compartilhado, dava-lhe força, uma nova reserva de profundidade e peso. Ela olhou pela janela.

Plantas brotavam sobre todas as superfícies. O mato dividia em segmentos o concreto do chão do estacionamento. A grama abria veios no asfalto escuro da estrada. Carvalhos, pinheiros e sumagres cresciam